

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**A invisibilidade feminina nos museus goianos: trajetória e ausência de Regina  
Lacerda.**

Natcha Moyano

Goiânia, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**A invisibilidade feminina nos museus goianos: trajetória e ausência de Regina Lacerda.**

Natcha Moyano

Monografia apresentada como pré-requisito para a  
Aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de  
Curso, do Curso de Museologia - Bacharelado, da  
Faculdade de Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Camila A. de Moraes

Wichers

Goiânia, 2017

Natcha Moyano

**A invisibilidade feminina nos museus goianos: Trajetória e ausência de Regina Lacerda.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Banca Examinadora constituída pelos professores:

---

Profa. Dra. Camila A. de Moraes Wichers

Orientadora

---

Prof. Dr. Jean Tiago Baptista

---

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza

## **Agradecimentos**

Ao curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás.

Á minha querida orientadora Profa. Dra. Camila A. de Moraes Wichers, pela confiança e por ter permanecido ao meu lado mesmo quando tudo estava perdido.

Á minha amada mãe por demonstrar tanto amor e confiança por mim, mesmo fazendo escolhas totalmente diferente do mundo dela, por sua dedicação que não poupou esforços para a concretização deste sonho.

Ao meu amado pai por longos anos de espera no ponto de ônibus tarde da noite esperando meu retorno da faculdade, por seu amor e sobretudo pela paciência na finalização desta graduação.

Aos meus queridos irmãos, Luis Manuel, Yanina, Priscila e Ushuaia por sempre poder contar com vocês em todas as horas.

Aos meus adorados sobrinhos, Beatriz, Lucas e meus afilhados Felipe e Alice.

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar, compreender e propor reflexões acerca das questões de gênero e feminismo, bem como sobre a invisibilidade da categoria mulher. Por meio da análise da trajetória e ausência de Regina Lacerda nas instituições museológicas de Goiânia, em especial o Museu da Imagem e do Som, pretende-se expor o caráter ainda patriarcal das instituições museológicas na sociedade goiana. A pesquisa faz uma análise teórica do movimento feminista, do conceito de gênero e da invisibilidade feminina no campo museal goiano. A metodologia seguida foi focada nos conceitos das principais autoras que discutem os temas de feminismo, gênero e da invisibilidade das mulheres nos museus. Para a construção dessa pesquisa foi enfatizada a ausência da folclorista Regina Lacerda no âmbito de uma memória museológica no Estado de Goiás, trazendo um olhar sobre o papel e as relações de poder de Regina Lacerda no cenário patrimonial goiano.

**Palavras chaves:** Feminismo – Gênero – Mulher – Regina Lacerda – Museus

**ABSTRACT**

The aim of this research is to analyze, think and reflect on the issues of feminism and gender, as well as on the invisibility of the woman category. Through the analysis of the trajectory and absence of Regina Lacerda in the museological institutions of Goiânia, in particular the Goiano and in the Museum of Image and Sound, we intend to expose the still patriarchal character of scientific institutions in the society of Goiás. The present research makes a theoretical analysis of the feminist movement, the concept of gender and female invisibility in the Goian museum field. A methodology for the one focused on the concepts of the main authors that discuss themes of feminism, gender and invisibility of the women in the museums. For a construction of this research in the area of information, it is not from a museological memory in the State of Goiás, bringing a look at the role and relations of power of Regina Lacerda in the patrimonial scenery of Goiás.

**Keywords:** Feminism - Genre - Woman - Regina Lacerda - Museums

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar, comprender y proponer reflexiones acerca de las cuestiones de género y feminismo, así como sobre la invisibilidad de la categoría mujer. Por medio del análisis de la trayectoria y ausencia de Regina Lacerda en las instituciones museológicas de Goiânia, en especial el Museo de la Imagen y del Sonido, se pretende exponer el carácter aún patriarcal de las instituciones museológicas en la sociedad goiana. La investigación hace un análisis teórico del movimiento feminista, del concepto de género y de la invisibilidad femenina en el campo museal goiano. La metodología seguida fue enfocada en los conceptos de las principales autoras que discuten los temas de feminismo, género y de la invisibilidad de las mujeres en los museos. Para la construcción de esta investigación se enfatizó la ausencia de la folclorista Regina Lacerda en el marco de una memoria museológica en el Estado de Goiás, trayendo una mirada sobre el papel y las relaciones de poder de Regina Lacerda en el escenario patrimonial goiano.

**Palabras claves:** Feminismo - Género - Mujer - Regina Lacerda - Museos

## **Lista de Abreviaturas**

**MUZA** – Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga

**MIS** – Museu da Imagem e do Som do estado de Goiás

**CGF** – Comissão Goiana de Folclore

## SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
<b>2 CAPITULO 1 – BREVE DISCUSSÃO SOBRE ALGUNS CONCEITOS TEORICOS SOBRE FEMINISMO E GÊNERO .....</b>	<b>13</b>
2.1 Aspectos do feminismo, primeira, segunda e terceira onda.....	13
2.2 O que é gênero? .....	18
<b>3 CAPITULO 2 - AUSÊNCIA DO FEMINISMO E GÊNERO NOS MUSEUS.....</b>	<b>23</b>
3.1 Novas formas de pensar Museologia Social e Sociomuseologia .....	23
3.2 Definição de Museologia de Gênero .....	26
<b>4 CAPITULO 3 – MULHER E PODER: REGINA LACERDA .....</b>	<b>30</b>
4.1 Vida e Obra de Regina Lacerda .....	30
4.2 Apontamentos da exposição sobre Regina Lacerda .....	41
<b>5 CAPITULO 4 –PROPOSTA PARA EXPOSIÇÃO “MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA.....</b>	<b>44</b>
5.1 Proposta Museológica .....	44
5.2 Espaço .....	44
5.3 Objeto .....	45
5.4 Público Alvo.....	60
5.5 Ação Educativa .....	60
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>62</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>64</b>

“ Não há barreira, fechadura ou ferrolho que  
possas impor à liberdade da minha mente”

**Virginia Woolf**

## 1 INTRODUÇÃO

Falar de Feminismo e Gênero na atualidade ainda é complicado, pois vivemos em uma sociedade conservadora e tradicional, ainda mais no Estado de Goiás, onde o machismo que vem de uma sociedade patriarcal como em boa parte da sociedade brasileira, oriunda das bases do coronelismo e do tradicionalismo, resulta em desigualdades significativas.

Essas questões estão presentes também nos museus, no campo do patrimônio e na Museologia como disciplina, onde o machismo se faz sentir.

A realidade é que, fora do circuito de suas praticantes, a crítica feminista nem sequer existe, e quando mencionada é considerada com descrédito, muitas vezes com preconceito explícito, e freqüentemente com suspeita, como sendo mais uma teoria de “de fora”, expressão que, como já referi, inscreve a crítica feminista no cenário de repúdio ao mimetismo teórico, questão que é associada à tendência brasileira de angariar prestígio intelectual pelo endosso de nomes difíceis e de teorias estrangeiras. (SCHMIDT, 2006 Apud ALMEIDA, 2013, P.693)

Dessa forma, podemos concordar com a assertiva acima, uma vez que a crítica feminista ainda tem sido alvo de suspeitas no campo da museologia.

A problemática levantada pela monografia é mostrar a ausência das conquistas e ações deflagradas por mulheres nos discursos expositivos das instituições goianas, em particular o Museu da Imagem e do Som. A pesquisa traz reflexões sobre o passado, com olhar para o presente e projeções para o futuro, o que não acontece na realidade dos museus em seus discursos expositivos.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989. p.3).

Ao escrever essa monografia fica visível a problemática enfrentada pela invisibilidade que as mulheres no campo patrimonial vêm sofrendo em Goiás. Fazendo refletir sobre a necessidade de representações que abarquem as ações das mulheres em todas as suas diversidades.

Dessa forma surge a necessidade de debate sobre feminismo e gênero nos museus. Nesse sentido a ausência feminina é resultado de uma sociedade machista com embasamento social patriarcal, onde a mulher é invisibilizada, estereotipada e/ou inserida em posição subalterna.

Quebrar esses paradigmas e trazer discussões sobre os feminismos, categoria gênero, as relações de poder e a luta pela equidade, nos remete a ampliar as discussões e trazer novas reflexões para o campo cultural, e contribuir para a construção das identidades femininas.

O foco da presente pesquisa é trazer reflexões acerca da ausência feminina nos museus em especial a trajetória da folclorista goiana Regina Lacerda, que se inseriu de forma diferenciada na sociedade e na sua contribuição da construção do Folclore em Goiânia. Mulher esquecida nos museus pesquisados, sem o reconhecimento que essa artista merece.

Esta pesquisa será construída em quatro capítulos.

No primeiro capítulo foi priorizada alguns conceitos teóricos das questões sobre feminismo e da categoria de gênero, e em seguida dividi – los em ordem cronológica nas ondas das discussões do feminismo, a primeira onda, segunda onda e terceira onda.

No segundo capítulo focamos na ausência feminina nos museus, com discussão teórica, das novas formas de pensar o conceito de Museologia Social, Sociomuseologia e uma breve definição sobre Museologia de Gênero.

No terceiro capítulo faço referência à identidade cultural da folclorista Regina Lacerda, analisando sua trajetória como pintora, professora e fundadora da Comissão Goiana de Folclore (CGF) e a importância do papel de Regina na sociedade. E trazer apontamentos da exposição sobre Regina Lacerda realizado

pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, de forma que contribua com o diálogo entre as teorias e análise da ausência da mulher a partir dos discursos expositivos.

E finalmente no último capítulo, no presente estudo realizou uma proposta de exposição, com objetivo de transmitir informações e o reconhecimento de identidade da mulher, apresentando características plurais de Regina Lacerda, mostrando sua contribuição para a sociedade goiana. A ideia inicial é mostrar o protagonismo feminino e valorizar a presença feminina nos museus de Goiânia.

## 2 Capítulo 1 – BREVE DISCUSSÃO SOBRE ALGUNS CONCEITOS TEÓRICOS SOBRE FEMINISMO E GÊNERO.

### 2.1 Aspectos do feminismo

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres em sua condição de oprimidas. Não se trata da mulher para se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.” (BEAUVOIR, 1949)

Nos últimos tempos, o movimento feminista vem se intensificando progressivamente, pois a desconstrução do papel da mulher em uma sociedade patriarcal se faz necessária, além de ser indispensável pois se modifica, assim como as discussões acerca de gênero e sexualidade. Dessa forma, o movimento feminista, nos últimos tempos, vem apresentando vários questionamentos sobre o papel da mulher nas relações de poder/sociais e trabalhistas.

Portanto a sociedade necessita entender e reconhecer a importância das minorias sociais (homossexuais, os negros, as mulheres, os indígenas, etc.) e assim romper as dificuldades que são impostas socialmente e politicamente. No início da segunda onda do feminismo, uma das questões centrais era mostrar que há um sistema de dominação das mulheres chamado de patriarcado, que é responsável pela chamada opressão universal das mulheres. Tal reflexão começou a crescer a partir de Simone de Beauvoir (1949) que denunciou as práticas sexistas examinando a condição feminina em todas as suas instâncias: sexual, psicológica, sócio histórico e política.

Para iniciar essa breve discussão da temática sobre feminismo, devemos entender que, sua base foi na Revolução Francesa em 1789, surgindo como movimento estruturado, reivindicando os direitos das mulheres e obtenção de igualdade. O feminismo enquanto definição é tomado como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos civis e políticos” (OLIVEIRA, 1996, p.424). Portanto, alterando as maneiras como as

mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupadas. (PISCITELLI, 2002)

É indispensável acreditar que a energia feminista no campo dos estudos literários tem a potencialidade de interferir no discurso crítico, revitalizar o ensino e fecundar uma agenda educativo-pedagógico-política capaz de interromper as continuidades históricas das exclusões, da violência e do preconceito. Essa interrupção implica a desestabilização das estruturas patriarcais, a transgressão de paradigmas binários, vigentes no campo social e no campo científica, a descolonização do pensamento em sentido amplo e irrestrito e a reinvenção de subjetividades. (SCHMIDT, 2010 Apud ALMEIDA, 2013 p.691)

As manifestações feministas apareceram no final do século XVIII, tomando forma no século XX, com o movimento sufragistas, que foi a primeira forma de feminismo, e o principal acontecimento dentro movimento em sua primeira fase. Desde aí, foram se conformando feminismos vinculados a diferentes correntes político-ideológicas: liberal, cristã, socialista, anarquista. Nesse processo, destacam-se as lutas e conquistas específicas, pelo acesso à educação de nível médio e superior e ao trabalho remunerado, e pelo direito de votar e ser votada, territórios estes interditados às mulheres. (RODRIGUES, 2002)

Podemos destacar que o movimento sufragista, tinha como ideia inicial expandir o direito das mulheres ao acesso à educação, cidadania e principalmente ao voto. Contudo, o movimento ficou marcado por mulheres de classes altas, ou seja, não acolhia todos os tipos de mulheres. Com as transformações no cenário político e econômico durante a primeira onda do feminismo houve crescimento principalmente nas indústrias, onde a exploração da mulher era discutida, pois estas eram exploradas e colocadas a condições de trabalhos extremamente difíceis nas indústrias.

Quando digo que a mulher teve voz nos últimos tempos, quero dizer que ainda é presente todos os tipos de opressões, e para boa parte da sociedade é algo sem importância. Pois a sociedade foi culturalmente construída por questões totalmente conservadoras e machistas. Dessa forma a violência contra a mulher é consequência de pensamentos e princípios voltados para a dominação masculina em todas as esferas sociais, praticadas por homens e algumas mulheres. É necessária a

desconstrução dos papéis estereotipados, assim como dos conceitos que marcam a sociedade patriarcal, uma sociedade machista, onde a mulher sofre todos os tipos de ataques sociais.

Não podemos deixar de falar sobre Bertha Maria Julia<sup>1</sup>, militante, foi uma das líderes do movimento sufragista. Teve sua trajetória com contato direto com as sufragistas francesas, assim que retornou para o Brasil em 1918, trabalhou na organização dos movimentos feministas que começa em São Paulo. Participou da criação da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, que em 1922 passou para a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

E é nesse ambiente que Bertha Lutz e um pequeno grupo de companheiras farão a sua campanha que assume caráter hegemônico naquele momento. Organizam-se em associações, fazem pronunciamentos públicos, utilizando-se fartamente da imprensa, buscam o apoio de lideranças nos diversos campos, constituindo grupos de pressão visando garantir apoio de parlamentares e de outras autoridades, da imprensa, da opinião pública. Apesar disso, em sua maioria, buscam revestir o seu discurso de um tom moderado. Não apenas porque talvez considerassem que esta seria a forma adequada de expressão feminina, mas, especialmente, por razões táticas. (SOIHET 2000, p. 100)

A militância de Bertha no sufrágio brasileiro ultrapassou todos os desafios colocados em seu tempo, principalmente a emancipação feminina no Brasil, foi a segunda mulher aprovada em concurso público em 1919. Dessa forma Bertha participou integralmente na emancipação da mulher, nos direitos políticos e sociais, organizando o I Congresso Feminista com objetivo de discussão dos principais problemas relacionados ao trabalho feminino, não foi casada, dedicava sua vida para a luta dos direitos das mulheres, sua última batalha foi no Congresso Internacional da Mulher em 1975.

Contudo, como afirma Maria Margaret Lopes, a trajetória de Bertha enquanto cientista e profissional de museus foi completamente ignorada. (LOPES, 2006, p.42)

---

<sup>1</sup>Berta Maria Júlia Lutz (2/8/1894-16/9/1976) natural de São Paulo, filha do cientista Adolfo Lutz. Com formação ciências naturais na Universidade de Paris começou sua luta dos direitos das mulheres em 1919.

A Segunda Onda do Feminismo, conhecido também como feminismo da diferença teve seu início na Europa na década de 1970, surgiu como uma resposta da primeira onda. Ressaltamos que alguns movimentos de mulheres não podem ser considerados feministas em sua formação ou mesmo em seus propósitos, na medida em que as mulheres neles envolvidas não lutavam pela mudança dos papéis a ela atribuídos pela sociedade. Entretanto, ao longo das três últimas décadas do século XX essa distância que era quase uma resistência tendeu a diminuir. São inúmeros os relatos de aproximação do movimento de mulheres com o movimento feminista. (PINTO, 1998, p 44.)

A segunda onda do feminismo conhecida também como feminismo da diferença lutava contra a desigualdade da mulher, pois enquanto a luta agregava algumas mulheres, de preferência classes altas, brancas e intelectuais no movimento sufrágio, as mulheres negras lutavam por direitos básicos, atravessando conceitos sociais que estavam presentes nos vários tipos de gênero atuando nos questionamentos tradicionais da sociedade.

As questões principais eram a equidade de gênero, contra as formas de injustiças de gênero. Essa onda demonstrou as características essenciais do sexismo em uma sociedade que o homem predomina em todas as conjunturas sociais. Podemos citar a participação dos vários tipos de feminismo, feminismo radical, que é a eliminação radical dos contextos sociais, econômicos e intelectuais, o feminismo negro, que teve seu surgimento na década de 1970 com intuito de traçar as necessidades diretamente da mulher negra que não se fazia presente na sociedade, e o feminismo interseccional que é a transformação do sujeito nas suas especificidades, fazendo a ligação direta nas classes sociais, relações de poder, pertencimento étnico/racial e orientação sexual.

Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher". Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural" (BEAUVOIR, 1970, p.9)

Décadas antes, Simone de Beauvoir em sua obra “ O segundo Sexo”(1949) diz que, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, chamando atenção para o fato de que tudo que foi construído referenciava-se o homem, como o centro socialmente do mundo e a mulher sua subordinada, e que as mulheres eram o segundo plano em todas as esferas sociais, assim o pensamento de Simone trouxe novas maneiras de reivindicar, de lutar contra as desigualdades e denunciar as relações de poder entre os sexos.

A Terceira Onda do Feminismo se caracteriza pela desconstrução da categoria mulher, que deu início em 1980, mas se solidificou em 1990. Com pensamentos e discussões que integravam, cada vez mais, uma perspectiva interseccional.

Os primeiros movimentos feministas eram movimentos de exclusão com o movimento negro, pois eram compostos por mulheres intelectuais, brancas e economicamente ativas. Até que haviam algumas mulheres negras que participavam, mas a questão central é a realidade de vida delas que não era privilegiada nas análises e nas movimentações feministas da época. Dessa forma o feminismo procurou em sua prática enquanto movimento superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo (ALVES, 1991, p.8), e com o surgimento da terceira onda visando problematizar a categoria mulher, enquanto única, e visibilizar questões de forma interseccional.

O pluralismo feminino passou a ser reconhecido como mobilizador e catalizador de uma transformação social tratando de gerar discursos à importância da mulher na sociedade, respeitando a diversidade de valores existente e relativos à sexualidade e posicionando questões e fundamentos da categoria de gênero.

## 2.2O que é gênero?

Por ignorantes e pobres que sejamos comparadas com o outro sexo”, pensava, prossequindo um raciocínio que deixara inacabado dias atrás, armados como estão, dos pés à cabeça, privando nos até do alfabeto (...), ainda assim caem dos mastros. (Virginia Woolf, Orlando).

Nesse capítulo iniciarei uma breve discussão sobre os conceitos de gênero, segundo algumas autoras que defendem seus pontos de vista, tentando desfazer a confusão entre esses conceitos, trazendo breves definições sobre sexo e gênero. Podemos, a princípio, buscar a definição de que o sexo é um fator biológico, em que se nascem homens ou mulheres de acordo com a genética levada ao espermatozóide ao óvulo. Não obstante, essa afirmação também tem sido alvo de críticas, sendo colocada aqui apenas para elucidar que a categoria gênero foi criada para enfatizar o caráter social da construção das mulheres e dos homens, diferenciando-se da questão biológica. O gênero está ligado a características atribuídas socialmente e culturalmente.

Por sua vez, a sexualidade está relacionada às pessoas por quem nos sentimos atraídos, e o gênero está ligado a características atribuídas socialmente e culturalmente, hoje se pode notar que heterossexual/homossexual não é capaz de abarcar as formas de desejo humano e que os estudos sobre o tema dizem que a orientação sexual se distribui num amplo espectro, e que a definição sexual se dê pela interação entre fatores biológicos e ambientais, pois são símbolos e significados construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizados para a compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, mais precisamente, as relações entre homens e mulheres (CARVALHO, 2011).

Assim as experiências construídas ao longo da vida têm grande importância quando falamos sobre gênero, pois mesmo com toda essa explicação teórica exposta, não conseguimos definir a amplitude do termo. Pois a relevância maior é tentar compreender de que formas acontecem essa construção de significados e dar sentido aos conceitos social e cultural incluso na hierarquização das relações..

As relações de poder presentes na sociedade patriarcal, são permeadas características da mentalidade moderna, cuja a tendência é pensar por oposições.

Segundo o filósofo francês, Jacques Derrida (1930-2004), a lógica ocidental opera por meio de binarismo: feio/belo, puro/impuro, espírito/corpo etc. “Um termo é sempre considerado superior, e o oposto seu subordinado”, explica Guacira. Assim o homem heterossexual conquistou o lugar de prestígio na sociedade. Um degrau abaixo, a mulher. E na penumbra os que não se encaixam no esquema binário: gays, lésbicas, bissexuais e travestis.

Para iniciar esta breve discussão, o conceito de gênero vem se propagando a partir da década de 1970, desconstruindo o pensamento na sociedade, que o gênero feminino tradicionalmente está ligado a esfera familiar e à maternidade, e o gênero masculino concentra nos valores materiais, o que faz dele o provedor e protetor da família. Atualmente, as mulheres estão em todas as esferas sociais com a força de trabalho e no mundo público, contudo, apenas independência financeira e geração de renda, não basta, é necessário que exista essa transformação, conectando e deslocando-se, nos espaços econômicos para que as mulheres possam prover seu próprio sustento mas pressupõe também autonomia para realizar escolhas e decidir por suas próprias vidas, adquirindo assim condições favoráveis para escolher sua profissão, planejar seu futuro, ter tempo para o lazer e para se qualificar, podendo ouvir outras vozes, novas propostas, valorizar saberes, ampliando horizontes de estudo e de ativismo.

Desse modo, seremos capazes de pensar e propor perspectivas inclusivas para os estudos feministas e possibilidades de construção feminista discutindo, tanto teoria como prática. Nos museus, e na Museologia como um todo, isso também se faz urgente.

Entre 1920 e 1930 as mulheres conseguiram quebrar alguns paradigmas impostos por uma sociedade patriarcal. Com o surgimento da primeira onda do feminismo, as feministas reivindicavam, entre outras coisas, poder votar (numa época em que só os homens votavam nas eleições), ter acesso à educação (ter o mesmo tempo de escolaridade dos meninos) e poder ter posses e bens (quando só homens podiam ser proprietários de uma casa, por exemplo) (PISCITELLI, 1999).

Devemos distinguir que ser mulher ou homem é um processo de construção social. A sociedade ainda tende a pensar as mulheres como “fêmeas” destinadas as responsabilidades e rotina das casas, com deveres domésticos e filhos. Contudo,

[...] essa maternidade biológica foi acompanhada de uma maternidade social, que se estendeu a atividades como lavar a roupa, cozinhar, varrer, costurar e uma toda uma série de trabalhos quase inumeráveis, que comprometem grande parte do tempo das mulheres. (AYALES, 1993, p.13)

Esses fatores são naturalizados, de que a mulher nasce com a genitália e, assim, está predestinada a vivenciar e se comportar como uma mulher biologicamente adestrada e destinada a maternidade compulsória. Olhando os museus tradicionais, notamos que essa imagem das mulheres ainda está representada com frequência, sendo o museu uma ferramenta que tem perpetuado estereótipos e assimetrias de gênero.

Para Joan Scott (1995):

O conceito de “gênero” abrange mais do que a diferença macho e fêmea ou mulher e homem: “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.”

A definição para Scott se baseia no fato de que o gênero é uma categoria que compõe a construção das relações sociais e a diferenciação entre os sexos:

(...) tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994 p. 13).

Assim o termo gênero passou a ser distinto do sexo para Scott, passando a compreender que sua construção está relacionada principalmente as questões políticas e, por conseguinte, as problemáticas da desigualdade presente na sociedade. Dessa forma, a autora afirma que o gênero é construído socialmente, mas de forma desigual e privilegiando o masculino (SCOTT, 1990, p.11-12). As relações de poder estão interligadas à categoria gênero no campo da subjetividade,

e sua compreensão “transformaria fundamentalmente os paradigmas no interior de cada disciplina”, abrindo as possibilidades de abalar e transformar seus conceitos dominantes. (SCOTT, 1990, p.6). Nesse sentido, esse trabalho aponta algumas possibilidades de diálogo com essas reflexões visando uma transformação dos paradigmas no interior da disciplina museológica.

Portanto, a partir da metade do século XX, aparece a utilização de gênero como categoria de análise, pois assim teria o efeito de transformar os conceitos que se formaram através dos tempos, e automaticamente modificando os paradigmas tradicionais, e impondo novas percepções sobre as diferenças sexuais. Ademais, se o corpo é sempre entendido a partir de um ponto de vista social, o conceito de sexo estaria subsumido no conceito de gênero. (NICHOLSON, 2000).

Michel Foucault (1993) diz:

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introduz-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem. Exclusão desses milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo. (FOUCAULT, 2015, pp.48 e 49)

Nesse sentido, Foucault propõe que as relações de poder se dão também por meio e a partir dos corpos, por meio da disciplina e da regulação constante dos mesmos em torno daquilo que é “normal” ou não, “saudável” ou não, “pecaminoso”. Dessa maneira o autor francês dá base para diversas formulações a respeito da organização política dos corpos. Um dos desdobramentos possíveis surge a partir da filósofa Judith Butler, para quem:

[...] o sexo é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2003)

Dessa forma Butler vai contra a ideia de que o sexo é biológico e gênero é cultural; para ela, não só o gênero é produzido por meio de discursos, mas grosso

modo, ela vai contra justamente á ideia de que sexo é biológico e gênero é cultural; para ela, não só o gênero é produzido por meio de discurso, mas também o sexo, **pois não há uma distinção entre sexo e gênero.**

Em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), Judith Butler discuti diretamente o conceito de gênero como atos performativos, assim poder ser manifestado em qualquer corpo, sendo sua principal matriz heterossexual que nunca pode ser completo. Gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (PISCITELLI, 2002). Assim a performance nunca tem fim pois dessa forma o gênero é uma imitação, pois não existem mulheres ou homens existentes com uma única identidade, e com objetivo de manter o gênero em sua estrutura binaria. Ao imitar gênero, a drag revela a estrutura performativa do seu próprio gênero – assim com a sua contingência. (p. 196)

Logo se pensarmos, quando o juiz bate o martelo e diz: “você está condenado”. Ele apenas disse, mas essa fala, nesse contexto, é tão potente que realmente o cara vai ser preso e ficar um tempão dentro de uma cela, provavelmente. Desse modo, como o sexo pode ser um ato performativo? É justamente porque quando se diz que há “machos” e “fêmeas” separados biologicamente pela diferença das genitálias, hormônios, etc, automaticamente a gente instaura uma “ficção reguladora” (conceito da Butler) que divide machos e fêmeas.

Butler mostra que isso não faz tanto sentido quando ela começa a falar de transexualidade, por exemplo; como dizer que o sexo é biológico, quando existem mulheres com pênis e excesso de testosterona, e homens com vagina e pouquíssima testosterona? Entende? é um aparato de construção cultural que faz com que acreditemos que o sexo seja absolutamente natural, que esta produção do sexo como o pré-discursivo deve ser entendida como o efeito do aparato de construção cultural designado por gênero (BUTLER, 2007, p. 10).

Essas ideias trazem provocações para o fazer museal, como veremos nos próximos capítulos.

## 3 Capítulo 2 – AUSÊNCIA DO FEMINISMO E GÊNERO NOS MUSEUS

### 3.1 Novas formas de pensar Museologia Social e Sociomuseologia

Este capítulo propõe entender as discussões sobre gênero, que já foram mencionados no primeiro tópico desta monografia, sobre o papel dos museus e o desempenho social ligados diretamente com suas identidades sociais, podendo ser denominado Museologia Social, desta forma havendo a inclusão social de grupos até então marginalizados dos processos de representação, reconhecimento e reivindicação de seus “direitos culturais”.

O que dá sentido à museologia social não é o fato dela existir em sociedade, mas sim, os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula. Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária [...]. (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p.17)

Portanto a Museologia social nos remete a ideia principal de transformação, sobre as relações sociais, conflitos, interesses e sobretudo, o processo de inclusão e exclusão social que essa experiência museal nos remete na realidade atual utilizando da museologia em prol de uma comunidade social específica, trazendo à tona aspectos e nuances das relações sociais que estão presentes nas experiências museais e com a valorização das narrativas de identidades culturais da cidade/comunidade estaremos caminhando para a transformação da nossa prática museológica. A afirmação da museologia social (inserida no movimento da Nova Museologia) permitiu trazer para o campo museológico questões como a inclusão, a acessibilidade, a multiculturalidade, a globalização, os movimentos sociais, os feminismos, a igualdade e o gênero. (RECHENA, 2014)

Na década de 1970, surge o movimento denominado como Nova Museologia, desde a sua origem abrigava diferentes denominações: museologia popular,

museologia ativa, ecomuseologia, museologia comunitária, museologia crítica, museologia dialógica e outras. (Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41).

A Sociomuseologia, termo utilizado frequentemente em Portugal e, por vezes, compreendido como sinônimo de Museologia Social (CHAGAS; GOUVEIA, 2014)<sup>2</sup>, se inspirou nesse processo, transformando-se, efetivamente, em um campo onde os museus e patrimônios são compreendidos como arenas de negociação de cidadania e direitos culturais. O surgimento dessas ideias se deu em uma época de crises nas instituições museológicas, em que o distanciamento entre museus e comunidade era grande, trazendo discursos que compreendem os museus como espaços de direitos à participação, informação, fruição, reconhecimento, produção e visibilidade cultural. Era necessária, então, a construção de museus inclusivos e a visibilidade das mulheres nos museus.

De acordo com Moutinho (2007):

A Sociomuseologia, é uma área interdisciplinar, capaz de se relacionar de forma multidisciplinar com diversos campos do saber, principalmente com as ciências sociais e humanas, procurando aliar as estruturas museológicas às sociedades contemporâneas, com o objetivo de ser meio facilitador do desenvolvimento e inclusão social, com base no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível da humanidade. Este conceito enfatiza a aproximação da museologia com os valores sociais e comunitários e a participação da comunidade em todo o processo, desde o incentivo aos movimentos ligados à memória, até a escolha dos objetos a serem musealizados e sua forma de exposição.

Dessa forma a Sociomuseologia tem como proposta a sustentabilidade transdisciplinar a partir duma crítica do referencial teóricos e duma reflexão crítica das metodologias usadas na museologia tradicional e que não comporta as reflexões sobre a diversidade social que a museologia vive. Nessa proposta, a Museologia se constitui como um instrumento de intervenção social, no âmbito da lógica da procura de uma inclusão social de gênero e requalificação dos lugares das mulheres nesses espaços.

---

<sup>2</sup> “Para todos os efeitos, a presente publicação considera a Museologia Social e a Sociomuseologia como sinônimos, a diferença ainda não investigada em profundidade, estaria na ênfase e no ponto de partida” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 16).

O Conceito de Sociomuseologia demonstra capacidade de uso da metodologia de trabalho sobre a memória social e a construção de inovação do mesmo, apresentando como uma reflexão inovadora sobre os processos de musealização que se estão a desenvolver e propondo uma prática museológica social, contribuindo para o empoderamento das comunidades subalternizadas como as mulheres. Um exemplo é a luta pela valorização dos saberes das mulheres artistas, podendo assim ter a mesma importância.

Em uma análise crítica do museu tradicional podemos verificar uma clara exclusão dos grupos sociais diretamente afetados como a sua participação e visão dos processos museais de modo incipiente e, primordialmente, o protagonismo das mulheres. Dessa forma, o processo de transformação da disciplina museológica resultou na acentuação das disputas conceituais e simbólicas, revelando os conflitos existentes dentro da museologia tradicional como também os diversos movimentos sociais, sejam eles culturais, religiosos ou políticos, demonstrando que não é consensual nem tampouco coeso, por isso se vê a necessidade de aderir a complexidade da diversidade se distanciando do lugar de consenso.

Abreu descreve que o patrimônio emerge do pensamento como um lugar de construção de valores extremamente variável (ABREU, 2005, p.39), e desta forma a definição da Sociomuseologia cabe diretamente com essa definição, na qual as políticas de memória são o resultado de escolhas dinâmicas das lembranças e dos esquecimentos (ABREU, 2005, p.44)

E como se dá essa busca por equidade na representação das mulheres nos museus? Ressaltando temas e ações, fortalecendo movimentos, debates e reflexões críticas sobre essas mulheres dentro dos museus e seu espaço de afirmação de identidade, ligadas aos temas sociais, culturais, de gênero e sexualidade, fortalecendo e matizando as questões identificadas como relevantes por estes grupos.

### 3.2 Definição de Museologia de Gênero

Nas Ciências Sociais se inicia as reflexões sobre gênero a partir da década de 70, a partir desse contexto feminino ou do masculino não são características determinadas pela natureza, podendo existir novos discursos e possibilitando outras abordagens de pesquisas sobre feminilidade e posteriormente, sobre masculinidade, contrastando praticas em contextos diversificados.

Depois dos anos 70 existe cada vez mais discussão do que é ser mulher ou ser homem sem poder se atentar para a cultura, mais do que isso, compreender que as categorias feminino e masculino são organizadoras do mundo social como um todo, demarcando distinções entre espaços, atividades, profissões que seriam separadas por estes dois polos interdependentes e isso não é diferente na área cultural.

Na década de 1970, esses movimentos contestadores cresceram também nos meios acadêmicos pela insurgência dos movimentos homossexuais e pela “despsiquiatrização” da homossexualidade, porém ainda existia o conservadorismo no que se refere a relações amorosas entre o mesmo sexo, esse conservadorismo inibe o poder da liberação do amor sem limites e sem definição de gênero (homem-mulher). Em 1980, com o surgimento da AIDS, a qual o tratamento político volta-se a comunidades gays, lésbicas, travestis e transexuais, chamada a doença de ‘peste gay’ provocou um retrocesso a liberação do amor. Porém, com todas essas questões levantadas passaram a circular reflexões acadêmicas, os estudos gays e lésbicos, surgindo os estudos Queer.

Butler (1999), descreve que aqueles que não se enquadram à norma social, ao gênero masculino e feminino, são alocados à rejeição e tem a existência de seus corpos ameaçados socialmente, enquadrados em perfil inadequado, sendo considerados humanos imperfeitos. Museus são lugares de memórias, de troca de informações e conhecimentos, sendo, portanto, locais privilegiados para esse debate.

As questões que envolvem a busca pela equidade feminina, gênero e representação da mulher, não são bem destacadas e colocadas no âmbito museal, pois o protagonismo feminino é invisibilizado. Os museus não consideram os

caminhos percorridos pelo movimento feminista, deixando de destacar as contribuições e avanços do movimento para a história das mulheres nos museus e sua representação social.

A década de 1990 foi marcada pela reconfiguração dos movimentos gays e lésbicos, ansiosos em desvincular-se da imagem de doença e anormalidade como em todos os meios sociais a comunidade LGBT. Começam os questionamentos acerca da ausência das questões das comunidades LGBT.

Entendemos ser fundamental fomentar o debate de questões voltadas a valorização das questões do feminino, considerando a vital importância das mulheres como parte essencial da nossa história, refletindo sobre as relações de poder a representação do feminino nos espaços museais, e o papel que os museus desempenham para a implantação de uma sociedade igualitária e não sexista.

Irene Vaquinhas (2014) afirma que:

A museologia de gênero resulta, por conseguinte, da convergência destas novas áreas de estudo e apresenta-se como um discurso crítico sobre o papel social e político dos museus na sociedade contemporânea, procurando, sobretudo, resgatar a memória e os patrimônios femininos e dar visibilidade à participação ativa das mulheres na vida social, política, cultural e cotidiana, tanto no passado como no presente. Visa igualmente valorizar as expressões culturais e artísticas femininas, prestar reconhecimento a todas as mulheres que, ao longo do tempo, constituíram coleções, bem como a todas aquelas que, através do exercício de práticas museológicas, impulsionaram a organização de fundos.

É interessante reconhecer a importância do papel feminino que a mulher desempenha no campo patrimonial, pois a museologia de gênero não é neutra e contém uma dimensão interventiva que valoriza a equidade social e a luta contra estereótipos dando visibilidade às mulheres e às suas realizações. (VAQUINHAS,2014). Com esse pensamento feministas traz a categoria de gênero, nas diversas áreas do conhecimento como também a museologia começa a questionar o gênero ou melhor a desigualdade das representações de gênero nos museus e dos patrimônios culturais e em todas as esferas da vida.

Desta forma abordamos questionamentos de quais os padrões patriarcais que definem o que significa ser “mulher” e o que significa ser “homem”, embora esta questão apenas muito recentemente tenha se tornado aos padrões de discussão dentro da sociedade heteronormativa. A desconstrução a partir destas categorias mostrou que, tanto homens quanto mulheres, aprendem a ser e viver como tal a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamento que definem os papéis de gênero. (MUSSKOPF, 2008, p.2)

Assim, o patrimônio enxerga a necessidade de discutir esse padrão social aonde permitiram visualizar as conexões estabelecidas entre sexo e gênero sem, muitas vezes, questionar a relação da mulher e da sexualidade em órgãos que antes de tudo são públicos e de utilidade social.

Portanto, a Museologia de Gênero nos permite fazer novas narrativas com a visibilidade feminina presente nos museus contemporâneos, pois os museus ainda se distanciam da representação da mulher em suas exposições, discursos expositivos, dados técnicos e registros dos expositores, gerando uma invisibilidade feminina e quando se abre para o discurso de gênero mostraram-se demasiadamente limitados para falar da diversidade de identidades sexuais construídas e vividas por integrantes destes movimentos.

É preciso construir novas reflexões, pois a colaboração dessas mulheres foi fundamental para a construção da sociedade, e que sempre ficam ausentes nas instituições museológicas. Faz-se necessário compreender o papel que o acervo e o museu desempenham nos processos de formação feminina e identidade no ambiente em que está inserido, mostrando a diferença que existe entre o sexo, gênero, sexualidade, assim como com todas as outras características que compõem as identidades dos seres humanos, e que elas são significadas em nossos corpos.

De certo modo é obrigatório a reflexão no campo feminino dos museus, as problemáticas que acercam os museus e seus acervos, que demonstra a objeção que se segue de que, o questionamento da estabilidade das identidades leva a ineficácia política, e gera acomodação. É importante e necessário que a mulher se torna protagonista da sua história, com seu valor, para grande parte do movimento feminista de gays e lésbicas, uma identidade fixa e coerente, é o grande requisito para a eficácia política a qual as exposições museológicas tentam por norma

identificar um “denominador comum” (MOUTINHO, 2008 p.39) e desconsidera até hoje nos museus tradicionais.

Ainda é desafiador a construção de novas narrativas, que coloquem a mulher como protagonista de si própria, que diz respeito a seus corpos, de forma que o homem define seus perfis viabilizando os contornos dos corpos femininos – mas onde estão as mulheres? É necessário que exista uma atenção das áreas culturais e das instituições museológicas para esse problema e o capítulo seguinte busca contribuir nesse sentido.

## 4 Capítulo 3 – MULHER E PODER: REGINA LACERDA

### 4.1 Vida e obra de Regina Lacerda

Suely Kofes (2001, p. 25) diz que a “abordagem biográfica implica, por parte do pesquisador, uma atitude analítica que procura não encaixar o objeto em categorias externas, mas compreender os campos semânticos próprios dos agentes. Dessa forma busquei entender a trajetória de Regina Lacerda na cidade de Goiás e em Goiânia e poder resgatar e preservar a memória desta mulher que foi esquecida no tempo.

Para Bourdieu (1996):

A trajetória é “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente -ou mesmo grupo-, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.

Assim sendo o passado tem grande ligação com espaço seja ele no presente ou futuro, com contato direto aos momentos e experiências vividos e compartilhados. Quando comecei esta pesquisa sobre Regina Lacerda, observando a sua militância compreendi a importância desta grande mulher na contribuição cultural para Goiânia. Ousada, e muito além do seu tempo, foi uma grande mulher, Poetisa, Professora, Escritora, Presidente da Comissão Goiana de Folclore, se destacando principalmente nos meios culturais, nas áreas do folclore brasileiro e intelectuais de Goiás. Filha de Dona Zénobia Santa Cruz e Umbelino Galvão de Moura, nasceu no dia 25 de junho de 1919 na cidade de Goiás. Formou-se em professora na Escola Normal de Goyas e Escola Goiana de Belas Artes, cursou Museologia no Rio de Janeiro, abrindo novas perspectivas nas novas áreas que Regina entrava.

Apaixonada pelos becos e encantos da sua cidade. Foi professora do Jardim de Infância, no ensino primário da época, Diretora da Divisão de Expansão Cultural da Secretária de Educação Cultural de Goiás, Secretária da Imprensa Oficial do Estado, Diretora do Museu Estadual (atual Museu Goiano Professor Zoroastro

Artiaga), Membro do Conselho Estadual de Cultura, Secretária da escola Goiana de Belas Artes, Membro do grupo de trabalho para estudos e levantamentos do Patrimônio Histórico e artístico atual IPHAN.

Participou da Comissão Nacional de Folclore, Associação Brasileira de Folclore, Comissão Goiana de Folclore, União Brasileira de escritores, Associação Goiana de Imprensa, Co - fundadora da Aliança Francesa, Membro da Sociedade Geográfica Brasileira, Academia Goiana de Letras – cadeira 16, Academia Goiana de Letras e Artes de Goiás – cadeira 35 e Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Presidente do Goiás Clube (Sociedade Feminina de Goiás)



**Figura 1 Regina Lacerda na Escola de Belas Artes 1950. Acervo MIS -Go**

No ano de 1936 Regina mudou-se para Corumbá para lecionar nas escolas dessa cidade, permaneceu durante um ano, e posteriormente em 1937 retornou para sua cidade natal, pois as ruas de Goiás e Vila Boa era o seu assunto favorito, carregados de significados e lembranças, além de organizar grandes eventos culturais, com grande participação da população local. Em 1940 começou com o gosto pela pintura, praticava ao ar livre seus desenhos, juntamente com artistas da época, Goiandira do Couto e alguns pintores como Octo Marques.



**Figura 2 Regina Lacerda em sala de aula 1974. Acervo MIS-Go**



**Figura 3 Goianeira do Couto com Regina Lacerda na cidade de Goiás. Acervo MIS-Go**



**Figura 4 Regina em palestra 1977. Acervo MIS-Go**

Em 1949 chegou em Goiânia, foi convidada por amigos, entre eles, Bernardo Elis a participar da União Brasileira de Escritores, pois Regina sempre publicava assuntos relacionados ao folclore e a sua cidade de origem em grandes jornais da época, além de lecionar no Colégio de Campinas, na mesma época Regina finalizava o curso de Museologia no Rio de Janeiro, foi exonerada do cargo de professora, e como conforto deram o cargo de escriturária na Secretária de Educação da época.

Tornou se membro da Comissão Goiana de Folclore em 1952, iniciando seus projetos de pesquisa em Folclore, sempre presente nas questões culturais e folclóricas de Goiás, e mesmo sem ter apresentado nenhum trabalho foi convidada a representar Goiás na Comissão Goiana de Folclore e assim participando integralmente das palestras com a temática folclore, sempre com a preocupação de instigar e fixar a cultura popular de sua cidade, que resultou na sua primeira publicação de livro de poesias "Pitanga" e em seguida "Vila Boa Folclore" que mais tarde foi premiado.

**LUGARES - COMUNS**

Os "flamboyants" floresceram.

(Lugar-comum)

A fumaça engoliu a cidade.

(Lugar-comum)

Mas a minha saudade

Não é igual às outras.

A saudade que sinto de você

É diferente

De todas as saudades

Que todo mundo

Sente....

E o meu coração não é um

Lugar-comum.

*Pitanga, 1954*

No ano de 1956 Regina com sua brilhante escrita foi convidada a colaborar com na coluna da Cultura Goiana mensal do Jornal "Oió". Uma das primeiras publicações foi o livro "Vila Boa", que teve lançamento com tarde de autógrafos no Bazar "Oió", evento pioneiro na cidade de Goiânia. Mais tarde lançou "Cerâmica Popular", "Papa Ceia", "Cantigas e Cantores", "Condição Sócio - econômica do Artesão", "Romaria de Trindade", colaborou na elaboração do "Cozinha Goiana" e da Coleção "Folclore Ilustrado Brasileiro".



Figura 5 Regina Lacerda no Bazar do "Oió" em 1960. Acervo MIS-Go

Regina se inseriu no campo do folclore com seus estudos no ano de 1957, onde obteve maior reconhecimento e prestígio social. Foi resultado da sua inserção na Comissão Goiana de Folclore, criado em 1948 como parte de uma política da Unesco e de incentivo à cultura. Por meio dessa ligação Regina Lacerda teve participação na rede de intelectuais folcloristas no ano de 1940 a 1960 com organização de encontros, congressos e curso com a temática "Folclore", sempre representando Goiás.



Figura 6 Livro "Vila Boa" de 1957 - Figura 7 Livro "Papa Ceia" 1968

A diversão da época era proporcionada por grandes eventos produzidos por Regina Lacerda, como por exemplo o desfile de moda intitulado "A moda através dos tempos" que era realizado mensalmente no Jôquei Clube de Goiás em parceria com Lena Castelo Branco que era responsável pela pesquisa dos diferentes figurinos da época. Além do desfile, Regina organizava peças teatrais, pois era um dos meios de conseguir dinheiro, levava para o teatro histórias escritas sobre folclore em formas musical, contava com a participação das moças da sociedade.

Em 1957, Regina Lacerda assume a direção do Museu Estadual, atual Museu Goiano Zoroastro Artiaga a convite do governador na época José Ludovico, no período que esteve à frente da diretoria foram doados 542 itens de diversas peças folclóricas que compõe atualmente o acervo do MUZA, dentre elas indumentárias, cerâmica e instrumentos. Realizou importantes exposições em parceria com Oscar Sabino, que resultou o primeiro catálogo e biográfico e publicou "Goiânia Documentada."



Figura 8 Livro " Goiânia Documentada" 1958

No ano de 1964 com a mudança do governo do estado, foram anulados vários cargos nomeados, dentre eles o de Regina Lacerda como diretora do MUZA. Após perder o cargo, Regina a convite de Rodrigo Melo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, participa na região norte dos processos de políticas públicas para cultura, coletando dados etnográficos, e parti disso a sede da Comissão Goiana de Folclore passa a ser em sua própria residência, e assim apresentando a identidade regional do povo goiano:

É no conhecimento do Folclore que sentimos de verdade o que é ser brasileiro. – Só assim poderemos reconhecer de u'a maneira imediata ou remota de que amálgama somos feitos. – Assim poderemos observar o que nos falta ou se está sobrando algum elemento estranho. Se há alguma coisa a se eliminar ou quanto devemos proteger e conservar das nossas tradições e do nosso patrimônio cultural. (LACERDA, 1954, p. 3)

Dessa forma podemos analisar que Regina trabalhava com a ideia de conservar e proteger os significados da cultura local e do folclore, principalmente no processo de visibilidade do folclore goiano para o Brasil, buscando na sua própria identidade resultados para a formação das manifestações populares construídas ao longo do tempo. “Toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada” (apud LIMA, 2003, p.17).



**Figura 9 Regina Lacerda na porta do Museu Goiano Zoroastro Artiaga 1950 Acervo MIS-Go**

Entre os anos de 1964 a 1970, Regina trabalhou intensamente nas pesquisas sobre o folclore goiano, dando vozes a suas obras e construindo novas perspectivas no conhecimento da mulher em Goiás, a partir do papel que desempenhou no cenário masculino goiano, com uma participação feminina “que não implicava em competição e, sim, em colaboração” (SOIHET, 2006, p. 39) No dia 9 de novembro de 1970 Regina Lacerda toma posse na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, ocupando a cadeira número 35.

Na data de 29 de junho de 1973 Regina tomou posse na Academia Goiana de Letras, sendo a primeira mulher a ocupar o espaço que na época era apenas para homens, ocupou a cadeira número 16. Como afirma Paulo Brito Prado (2016, p.240), Regina Lacerda se inseriu, “num ambiente essencialmente masculino de forma estratégica”. Ademais

“Embora não militasse no feminismo – o que nos parece curioso –, buscava constantemente o seu lugar no espaço público e isto oportunizava a lembrança de outras mulheres “publicas”. Ela queria a igualdade de gênero em termos profissionais, mas se distinguia,

enquanto mulher, no momento em que defendia firmemente seus pares – as mulheres – em publicações” (PRADO, 2016, p.241)



**Figura 10 Regina Lacerda e seu irmão na Academia Goiana feminina de Letras e Artes de Goiás 1970  
Acervo MIS-Go**



**Figura 11 Regina Lacerda toma posse na Academia Goiana de Letras Acervo MIS-Go**



**Figura 12 Regina Lacerda recebe homenagem em 1974 Acervo MIS-Go**



**Figura 13 Reunião do Conselho de Cultura 1975 - Ursilino Leão, Acary Passos, Luiz Fernando Valadares  
Acervo MIS-Go**

Participou do SPHAN ( Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ) e posteriormente na Goiás Tur, foi responsável por diversas atividades que impulsionaram a relação do Folclore e o Turismo em Goiás. Realizou a proposta do Museu do Boi em 1976 para a Sociedade Goiana de Agropecuária, sua sede iria ser em Morrinhos, pois na época era grande produtora de gado, reuniria acessórios que

corresponderiam as partes essenciais dos bovinos em seu funcionamento, artefatos de couro, berrantes entre outros. Por consequências políticas o projeto não foi realizado.

No dia 14 de dezembro de 1992 aos 73 anos de idade, termina a jornada para esta grande figura importante para o folclore, falece Regina Lacerda, sua morte ocasionada por aneurisma da aorta, surpreendeu a todos, foi velada no Cemitério Jardim das Palmeiras, foi sepultada no jazigo da família no Cemitério Santana em Campinas – Goiânia.

#### **4.2 Apontamentos da exposição sobre Regina Lacerda**

A exposição “Reverendo Regina Lacerda” foi realizada através do projeto em parceria com o Museu da Imagem e Som e o Museu Goiano Zoroastro Artiaga foi a primeira musealização multimídia do MIS. Este projeto acontece desde de 2002, a primeira edição trazia os aspectos de Goiânia, na época da criação, o segundo com o trabalho fotográfico Silvio Berto e a terceira exposição do projeto com Regina Lacerda. A exposição ocorreu foi inaugurada no mês de julho de 2003, com duração de cinco meses se encerrando no mês de dezembro do mesmo ano. Boa parte do acervo que foi exposto na exposição, foi doado pelos familiares.

Sua coleção é composta por acervos pessoais, constituídas por documentos, objetos pessoais do cotidiano de Regina Lacerda e fotografias da sua participação e contribuição no cenário goiano no Museu da Imagem e do Som de Goiás. A parti do grande número de acervo presente no MIS, surgiu a ideia de trabalhar de alguma maneira a exposição desses acervos que até então não havia sido visibilizado, com pesquisas e contextos narrativos foi possível produzir a publicação do quarto volume da série “Cadernos de Fotografia MIS”, a montagem da exposição e por último o vídeo- documentário intitulado “Falando de mim”.

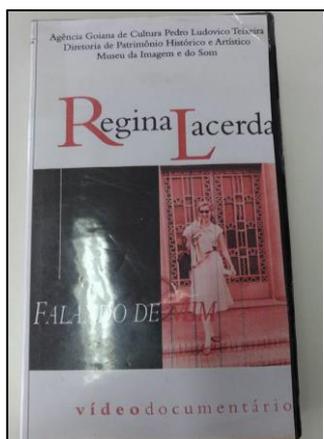


**Figura 14** Exposição "Reverendo Regina Lacerda" no mezanino do MUZA. Acervo MIS-Go



**Figura 15** Convidados na exposição "Reverendo Regina Lacerda" Acervo MIS-Go

Essa ação teve como objetivo, mostrar para o público em geral o acervo pessoal de Regina Lacerda como escritora e pesquisadora do folclore goiano, exibindo os poemas produzidos ao longo de sua vida. A exposição foi projetada para ilustrar e mostrar as fotografias, quadros e até recriar o seu ambiente de trabalho, com móveis e utensílios verdadeiros da poetisa. Para a escolha do espaço foi feita parceria com o Museu Goiano Zoroastro Artiaga, pois em 2004 o Museu da Imagem não possuía salão exclusivo para exposições.



**Figura 16** Fita cassete do documentário “Falando de Mim” Acervo MIS-Go



**Figura 17** Convite da exposição. Acervo MIS-Go

Além dessa ação, o MIS realizou o Vídeo-Documentário “Falando de Mim” em parceria com a TV Brasil Central, o vídeo tem duração de 17 minutos e apresenta como fio condutor narrativas sobre a trajetória de Regina Lacerda na cidade de Goiás e com depoimentos de amigos como o artista plástico “Antônio Poteiro”, a escritora “Leda Xavier, “Bariani Ortêncio” e “Ursulino Leão.

## 5 CAPÍTULO 4 – PROPOSTA PARA EXPOSIÇÃO “ MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA.

### 5.1 Proposta Museológica

Para se produzir um projeto de exposição, é necessário saber sua missão, definição e descrição do conceito da exposição, qual tipo de público alvo, pois a exposição tem maior responsabilidade em transmitir conhecimento e propor reflexões sobre diferentes assuntos.

Todo o tipo de exposições traz consigo informações e diferentes experiências sobre determinados assuntos e automaticamente mantem ligações diretas com o público e seu museu e principalmente reflexões acerca da memória coletiva, individual e o reconhecimento da identidade.

A proposta para exposição Fotográfica de curta duração “ **Mulher e Poder: um olhar direcionado a visibilidade de Regina Lacerda em Goiânia**” tem como missão proporcionar maior visibilidade feminina, da importância e representação de Regina Lacerda no cenário goiano, com objetivo de transmitir informações e o reconhecimento de seu papel importante em Goiás. A ideia principal é mostrar o protagonismo feminino e valorizar a presença feminina nos museus de Goiânia.

A exposição será dividida em:

- 1) Apresentação
- 2) Trajetória de Regina Lacerda em Goiânia
- 3) Fotografias Mulher e Poder
- 4) Visibilidade feminina para os museus em Goiânia

### 5.2 Espaço

O espaço cogitado a ser realizadas a exposição “Mulher e Poder: um olhar direcionado a visibilidade de Regina Lacerda em Goiânia” em primeiro momento o

Museu da Imagem e do Som, situado no prédio do Centro Cultural Marieta Telles com localização na praça cívica.

A escolha desse espaço foi motivada através do grande número de acervo fotográfico de Regina Lacerda no âmbito goiano, seja elas em ambiente político ou em momentos de lazer, e principalmente pelo museu estar localizado em um prédio que leva o nome de uma das mais importantes produtoras literárias de Goiás, Marieta Telles Machado.

A exposição terá 5 meses de duração no espaço de exposições do Museu da Imagem e do Som de Goiás. É importante ressaltar que qualquer tipo de exposição deve se levar em conta o ambiente, iluminação e acessibilidade.

### **5.3 Acervo Fotográfico**

A escolha do acervo fotográfico para a exposição “Mulher e Poder: um olhar direcionado a visibilidade de Regina Lacerda em Goiânia”, a princípio foram selecionadas treze fotos, disponibilizadas pelo acervo do Museu da Imagem e do Som de Goiás. São fotografias que representa o cotidiano da folclorista, desde seus momentos de lazer a momentos políticos. Todas as fotos selecionadas deveram ser expostas com suas legendas originais, contendo bastante informação sobre a fotografia.

A seguir as fotos e ficha de documentação para exposição:

<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO</b>	
<b>“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”</b>	
<b>Nº DE ID</b>	001
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1950
<b>HISTÓRICO</b>	Regina na porta do Museu Estadual de Goiás, hoje, Museu Goiano Zoroastro Artiaga
	

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	002
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1945
<b>HISTÓRICO</b>	Regina Lacerda no salão de baile do Goiás Clube. Cidade de Goiás – GO. Acervo MIS GO.



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****"EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA"**

<b>Nº DE ID</b>	003
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1940
<b>HISTÓRICO</b>	Regina com penteado feito pela sua amiga. Cidade de Goiás – GO. Acervo MIS GO



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO	
<b>“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”</b>	
<b>Nº DE ID</b>	004
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1940
<b>HISTÓRICO</b>	Regina no Rio vermelho – Cidade de Goiás. Acervo MIS GO
	

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	005
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1956
<b>HISTÓRICO</b>	Regina na praia. Rio de Janeiro - RJ. Acervo MIS GO.



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	006
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1956
<b>HISTÓRICO</b>	Regina na praia. Rio de Janeiro – RJ Acervo MIS GO.



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	007
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1970
<b>HISTÓRICO</b>	Regina com Aurélio de Holanda á sua frente, em primeiro plano, Ático Vilas Boas da Mota, a sua esquerda Olavo de Castro, numa sessão de julgamento do concurso Literário Cachoeira Dourada. Década de 1970 Acervo MIS GO



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	008
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	197?
<b>HISTÓRICO</b>	Regina assina o termo de posse ao lado do presidente da academia Goiana de Letras. Acervo MIS GO



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	009
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1977
<b>HISTÓRICO</b>	Regina profere palestra na semana da cultura em Catalão, ao seu lado, os escritores Aldair Aires, Miguel Jorge e José Mendonça Teles. Acervo MIS GO



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	010
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1987
<b>HISTÓRICO</b>	Bariani Ortêncio, Colemar Natal e Regina. Acervo MIS GO.



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	011
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	1940
<b>HISTÓRIA</b>	Regina em fotomontagem. Acervo MIS GO



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

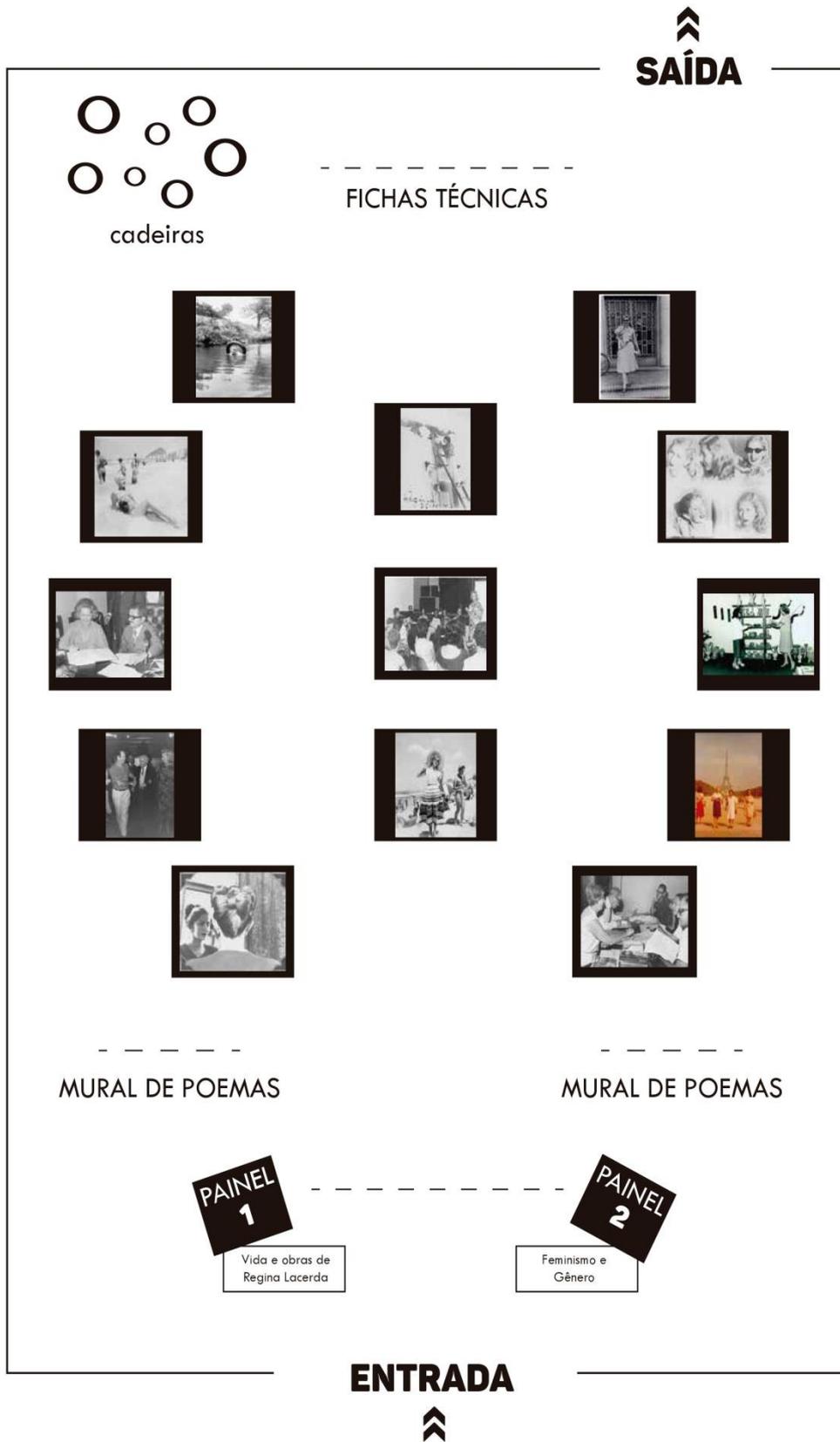
<b>Nº DE ID</b>	012
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	197?
<b>HISTÓRICO</b>	Regina visita exposição. Acervo MIS GO



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO****“EXPOSIÇÃO MULHER E PODER: UM OLHAR DIRECIONADO A VISIBILIDADE DE REGINA LACERDA EM GOIÂNIA”**

<b>Nº DE ID</b>	013
<b>AUTOR</b>	Desconhecido
<b>ANO</b>	-
<b>HISTÓRICO</b>	Regina Lacerda na Torre Eiffel França – Paris . Acervo MIS GO





## 5.4 Público – Alvo

As exposições são concebidas com vistas à experiência do público. Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organiza-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais. (CURY, 2005).

Os museus são considerados locais de educação não formal, a partir do documento da UNESCO, de 1972, ou seja, qualquer atividade realizada fora do sistema de educação tem papel importante na formação e construção do ser humano. As exposições de longa ou de curta duração tem como objetivo principal de reflexão e diálogo com o público, pois “os museus e centros culturais são reconhecidamente instrumentos que favorecem o aprendizado” (FALCÃO, 2009, p. 21)

O projeto de exposição aborda reflexões sobre o papel de extrema importância da mulher, seja ela em qualquer ambiente social ou cultural, e ao final realizar uma exposição com fotografias, para tornar mais expositivo a representação e contribuição de Regina Lacerda para nossa cidade de Goiânia.

O público-alvo da exposição fotográfica é direcionado para o público em geral, com olhar feminista para mulheres feministas e pessoas que “compreendem” que lugar de mulher é onde ela quiser.

## 5.5 Ação Educativa

Para desenvolver o plano de ação educativa de uma exposição é necessário realizar diálogos entre a exposição e o público. A ação educativa em um museu seria, então, o conjunto de programas, parcerias, projetos, que são desenvolvidas com a proposta de promover um diálogo, uma comunicação entre a instituição-museu com as demais instituições da sociedade. (ALMEIDA, 2012, p. 397)

Maria Célia Santos (2001) afirma que é possível adquirir conhecimento através da troca de experiências tendo como referência o patrimônio e a herança cultural de cada indivíduo.

Será realizado o percurso da exposição em parcerias com as coletivas feministas, associações de mulheres e a quem se dispuserem a trabalhar com a temática abordada na exposição. No início da exposição será disponibilizado folders explicativos da trajetória de Regina Lacerda, e a luta do movimento feminista que busca desconstruir teorias formadas em volta do papel da mulher na sociedade.

Ademais, a ação educativa da exposição, pretende desenvolver rodas de conversas para abordar questões problematizadoras sobre gênero, representatividade e feminismo, que muitas das vezes é invisibilizada pelo sistema opressor.

Por fim, é importante conhecer o tipo de público que visita uma exposição. Assim, foi pensado o livro de visitantes, para que a equipe saiba a quantidade de visitantes no museu, bem como possa mapear suas características básicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos sobre feminismo e gênero, percebemos o quanto é difícil debater sobre estes assuntos na atualidade, principalmente quando somos herdeiros de um conservadorismo que prendem alguns seres humanos em cúpulas de falta de conhecimento e ignorância sobre o tema. As questões abordadas durante essa pesquisa foram de extrema importância para poder compreender a invisibilidade da mulher, que se faz presente em todos os lugares. Ao contrario que muitas pessoas pensam o feminismo se faz necessário em todos os momentos, pois a contribuição feminista é importante nos temas das desigualdades sociais nas muitas relações que compõem a vida social: classes, raças/etnias, gerações, orientações sexuais, identidade de gênero e tantas outras que permeiam a sociedade através de sistemas de poder e subordinação. (SANTOS, IZUMINO, 2005)

O objetivo desta pesquisa foi propor reflexões sobre a invisibilidade das mulheres no cenário goiano e museal, mostrando a colaboração de Regina Lacerda nos museus e cenário patrimonial de Goiás. Cabe salientar que embora uma mulher branca e de elite, Regina trouxe em seus trabalhos um olhar para a diversidade de mulheres então inexistente em Goiás. goianos, toda sua trajetória e conquistas silenciadas ao longo dos anos.

As publicações de Regina noticiam acidentalmente diferentes dimensões de gênero e da miscigenação cultural. Ela nos deixa ver as mulheres desempenhando importantes papéis “nas áreas dos serviços, do pequeno comércio e na produção artesanal” (PRADO, 2016, p.238)

Sabemos que a inserção feminina nos cenários político, econômico, social e cultural ainda é complicado e distante, pois nossa sociedade não está acostumada com a participação e representação feminina em organizações de qualquer tipo, seja ela em casa ou até mesmo na vida acadêmica, pois somos herdeiros de um pensamento machista e egoísta. Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso, do que o homem que duvida de sua virilidade. (BEAUVOIR, 1980)

Diante disso, essa pesquisa proporciona reflexões a respeito dos museus em Goiás, trazendo questões acerca da invisibilidade feminina, sobretudo, quando pensamos em uma memória das instituições de cultura e patrimônio, espaços ocupados por Regina Lacerda, mas que cuja contribuição fica à sombra de uma memória masculina, e esquecida ao longo dos anos.

A primeira exposição sobre Regina Lacerda em 2003, realizado pelo Museu da Imagem e do Som, teve como objetivo mostrar para o público o acervo pessoal da folclorista, mas esquecendo de retratar diferentes campos de atuação da trajetória como mulher, dificuldades, discriminação e resistência enfrentadas ao longo da sua vida. Dessa maneira podemos observar que se faz necessário, maior visibilidade da contribuição e do papel que Regina desempenhou durante décadas em Goiás, trazendo principalmente a importância do papel da mulher na sociedade machista, e abrir novos espaços para a valorização da presença feminina nos meios culturais e patrimoniais de Goiás com discussões acerca dos assuntos de feminismo e gênero.

Cabe compreender a importância do movimento feminista e do conceito de gênero na sociedade atual e na Museologia, em especial. E assim desconstruir os papéis estereotipados, para que se possa proporcionar mais visibilidade para as mulheres presentes em todos os espaços.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. "Feminismo e pós-colonialidade: algumas reflexões a partir da teoria social e da literatura". In: WOLFF, Cristina Scheibe et al. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. p. 391-413.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade*. Rev. Estud. Fem. Vol. 21 nº. 2 Florianópolis, May/Aug. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2013000200019#nt11](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2013000200019#nt11). Acesso em 24/11/2017.

ALVAREZ, Sonia E. "Construindo uma política feminista translocal da tradução". *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 3, p. 743-753, 2009.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. vol II- "Fatos e mitos" 4a edição. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Européia do livro, São Paulo. 1970

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOLAÑOS, Atienza, 2011. "Las Mujeres en los Museos: Entre Museólogas y Coleccionistas." In *Patrimonio en Femenino*, 36-41. Madrid: Ministerio de la Cultura. <http://www.mcu.es/museos/MC/PatrimonioFemenino/>

BOURDIEU, Pierre. (1996). "A ilusão biográfica" In Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. Pp. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro :Beltrane Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CHAGAS, M. & GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas. Cadernos do CEOM - Ano 27, no 41, 2014 - Museologia Social.

CHAGAS, Mário. Imaginação museal. Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para a obtenção do grau de doutor, orientada por Myrian Sepúlveda dos Santos. (2003).

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005, p. 42

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. In: Ministério da Educação - Secretaria de Educação a Distância. (Org.). Museu e escola: educação formal e não-formal, 2009, v. 19, n.3, p. 10-21.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pós-feminismo. 1994. Disponível em: . Acesso em: 09 Set. 2017.

KOFES, Suely (2001). "Itinerário, em busca de uma trajetória". In *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de letras.

LACERDA, Regina. Cerâmica Popular. Monografia Goiânia: Depto. Estadual de Cultura, 1957.

LACERDA, Regina. Folclore Brasileiro – Goiás. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Funarte, 1977.

LACERDA, Regina. Papa-ceia – Folclore. Goiânia: Ed. Depto. Estadual de Cultura, 1968.

LACERDA, Regina. Vila Boa – Folclore. 1957. 2ª edição. Goiânia: Oriente, 1973.

LIMA, R.T.de. Abecê de folclore. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: Revista Estudos Feministas. V.9 n.2 Florianópolis, 2001.

MARANDINO, Martha. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo, 2008

MENEZES, Lorena Santos: Um olhar museológico sobre a produção do Mestre Lourenço Gomes de Menezes Filho: políticas patrimoniais e práticas comunitárias na proposição de uma exposição. Goiânia, 2014.

NEVES, Raphael Cezar da Silva. Reconhecimento, multiculturalismo e direitos: contribuições do debate feminista a uma teoria crítica da sociedade. Dissertação de Mestrado em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PISCITELLI, Adriana. "Recriando a (categoria) mulher?" In: ALGRANTI, L. (org.) *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*, n. 48, pp. 7-42, 2002.

PRADO, P.B, Cantilenas de Goiás: memória, gênero e patrimônios das culturas negras na obra de Regina Lacerda. Mosaico (Goiânia), v.09, p.235-250,2016.

RECHENA, Aida 2011. "Sociomuseologia e Género: Imagens da Mulher em Exposições de Museus Portugueses." Tese de doutoramento em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

SANTOS, Dra. Maria Célia T. Moura. 09 DE JULHO DE 2007. Dra. Maria Célia T. Moura Santos, pag.05

SANTOS, Maria Célia. Museu e educação: conceitos e métodos. Simpósio Internacional "Museus e Educação: conceitos e métodos". Museu de Arqueologia e Etnologia/ USP. São Paulo, 2001.

SANTOS, Maria Cristina T. M. Reflexões sobre a nova museologia. São Paulo: [s.n.], 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. "Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultural letrada brasileira". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, 2006.

SCHMIDT, Simone Pereira. "A seção debates em revista: práticas feministas de tradução". Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 1, p. 117-122, 2008.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

SCOTT, Joan. W. "Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1999

SEDGWICK, E. K. "A Epistemologia do Armário" Tradução: Plínio Dentzien. Cadernos Pagu n.28. Campinas, jan./jun. 2007.

SOARES, Wellington. Educação sexual: precisamos falar sobre Romeo...Revista Nova Escola, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo> Acesso em 24/11/2017.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 15, set./dez. 2000. p. 100.

SOIHET, Rachel. O feminismo tático de Bertha Lutz. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006, p. 97.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "Who Claims Alterity?" In: KRUGER, Barbara; MARIANI, Phil (Ed.). Remaking History: Discussion in Contemporary Culture. Seattle: Bay Press, 1989. p. 269-92.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 2003, 1999. (Coleção tudo é história; 145).